Ligeiro Cavaco

—Se a ameaça da invasão alemã paralisava todos os movimentos avançados na França, na Bélgica e na Suíça, porque será que em certos meios avançados se é tam pressuroso...na defesa dos esteios dos invasores?

—O' menino, tu estás sibilino! Aprendeste com os políticos a fazer insinuações? Explica-te! Que «meios avançados» e que «esteios» são êsses? Eu cá o que não quero é ser esteio do militarismo, do Estado e de tôdas as causas profundas da guerra. O meu «patriotismo» é assim: guerra em geral áqueles males e em particular aos *nossos* governantes e exploradores.

—Pois tu não vês que «todo o ataque à liberdade, tôda a opressão a um povo, é um ataque a todos nós, os que pela liberdade trabalhamos?

—Com certeza que vejo! E é por isso que procuro combater todos os tiranos e exploradores, tôdas as instituições nefastas.

—Portanto deves combater o imperialismo, todo êle, e por conseqüência o alemão.

—Não há dúvida: o imperialismo,e por conseqüência todos êles...

—Nem deves estranhar que o combatam a tiro, ao lado de um exército regular, como em corpo de franco-atiradores,em guerrilhas ou de outra forma: questão de grau

—O ponto está em que, combatendo um, se não reforce outro imperialismo, assim como se não desfaça a nossa obra. O ponto está em não se ultrapassar o grau útil...a respeito de guerrilhas e franco-atiradores, deixa-me dizer-te que, nesta guerra, nenhum govêrno beligerante permite disso. E' necessária a chancela oficial. Os Estados acham perigosa essa gente.. Os próprios voluntários estrangeiros são vistos com maus olhos: o *Matin* chama ao seu regimento «mina de espionagem,» e quando êles se queixam, é-lhes preguntado: «Quem vos chamou cá?» Toma!

—*Há operários* que dizem que nada teem com esta guerra, por ser guerra capitalista! A neutralidade é o contrário de solidariedade.

—Que os operários teem muito e muito que ver com esta guerra, é certissimo: êles é que a hão de amargar quase tôda. Neutrais, não o podemos ser, é claro: nós somos *contra* todos os fautores da guerra. A neutralidade é mercadoria de Estado: se entendes que o Estado não deve ser neutral, incita-o à intervenção. Isso não é connosco.

Mas olha o que diz Cornélissen: «Então não vêdes que é tôda a civilização democrática da Europa ocidental que está em jôgo, tudo o que temos ganhado contra o regime do absolutismo pelo progresso de longos anos?»

—E' possivel,e infelizmente qualquer que seja o resultado da guerra. Em todo o caso, a questão não é essa: a questão é a nossa atitude, a nossa tarefa,—a tarefa duma minoria que não deve ter cumplicidades, nem solidariedade, nem compromissos com os causadores da guerra.

Palavras amargas

Escreveu Merrheim em La *Bataille Sindicaliste*:

«Desde o princípio da guerra, no seio da Comissão Coufederal, nunca deixei de defender enérgicamente os princípios fundamentais da C. G. T. e da Internacional operária. Juntamente com o amigo Lenoir, hoje mobilizado, julgava eu ser essa a única atitude digna para os militantes, conforme com as nossas aspirações do passado e com o futuro das nossas organizações. E assim o pensávamos com tanto mais vigor, razão e lógica, quanto é certo deixar a censura passar tudo o que pode desagregar, lançar a dúvida no espirito dos militantes e das organizações, ao passo que suprime o que poderia reforçar a acção, os princípios afirmados pela Confederação antes da guerra.

Se saio pela segunda vez do meu silêncio voluntário, é realmente porque me é demasiadamente penoso continuar a ver silenciosamente como a nossa imprensa, a imprensa dos trabalhadores, pensa tam pouco na nossa Internacional operária, da qual com demasiada freqüência fala para a desvalorizar.

Os seus princípios, base das nossas organizações, são postos de lado pelos mesmos que das tribunas dos comícios públicos os proclamavam mais do que necessários.. antes da guerra.

Outros revindicam-nos, mas para melhor apoucar e rebaixar os que os cenceberam e desenvolveram.»

A Carestia da Vida

Na penultima sexta-feira o Nucleo J. Libertario de Lisboa promoveu outra sessão de protesto centra a carestia da Vida, na sede da Federação da Construção Civil. Entre outros oradores usaram da palavra os camaradas Carlos Anhão,Manuel d'Abreu, Alexandre Assis,Bernardino Santos,Aparicio, Manuel Fontes, Flecha, João Caldeira e Adolfo Nunes.

Tambem na segunda-feira,efectuou na sua séde uma sessão identica, falando Carlos Anhão, Bernardino Santos,Margarida Paula, Flecha, Assis, Maneque Silva e Nunes. E na terça-feira, tambem promovido pelo mesmo Nucleo,realisou-se na Federação Metalurgica outra sessão de reclamação e protesto contra o excessivo preço dos géneros alimenticios, em que usaram palavra diversos militantes do movimento operario entre os quais alguns delegados de associações de classe. Estas sessões sucederse-se-hão amiude, tendo já o Nucleo oficiado a diversas colectividades pedindo a cedencia das suas salas.

Correcções

Traduzimos dum jornal espanhol a carta de Monatte publicada em nosso n°. de 17 de Janeiro. Agora, em presença do original francês, temos algumas correcções a fazer. Eis as mais importantes:

1.ª página, 4ª. coluna:

Em vez de *opondo-me a que*, etc., deve ser: Opondo-me à passagem à ordem do dia...

Em seguida às palavras *a segunda, de Luquet*, o que devia estar é o seguinte: «contendo restricções importantes e o acôrdo da C. G. T. e do Partido sôbre um texto comum de resposta; e por fim a dos Metais».

A adopção da proposta da C. C. foi por 22 votos contra 20 (votos) e abstenções.

Na 5ª. coluna, 2ª. linha, leia-se: *terão encontrado*. Ao fundo: «*a maioria* do Comité Confederal considera uma guerra de libertação para a Europa,» etc.

Na 2.ª página: após as palavras «ambições morroquinas,» ajuntem-se estas: *dos nossos coloniais*. Suprima-se a frase» de modo claro e conciso» entre as seguintes: *Ainda não pôde estabelecer-se que o govêrno francês fez todo o possivel*, etc.

•

No número penúltimo, na nota ao artigo de Nieuwenhuis, uma gralha faz-nos falar duma guerra de *Sucessão* nos Estados Unidos, quando o que escrevemos foi «guerra de Secessão» (scisão).

O Pensamento Religioso

Parece de todo evidente que assistimos á dissolução duma *forma religiosa*. E' a que se constituiu e organizou nas sociedades europeias no decorrer da idade-média: é tão impossivel restaurá-la como as formas sociais correspondentes. Demais, esta dissolução não data de ontem: a crise religiosa do seculo XVI já era uma sua primeira etapa. E a indiferença no meio da qual se efectua entre nós a separação da Igreja do Estado bem parece provar que essas crenças religiosas já não estão presas ás consciencias senão por meio de bem fracas raizes.

O facto de ser a religião cada vez mais objecto de investigações históricas e scientificas em nada invalida a asserção precedente, mas pelo contrario a corrobora. Enquanto a religião, sobretudo a religião catolica, conservando toda a sua autoridade, estava acima da critica e da sciencia, o facto de o espirito scientifico se apossar dela e de a interrogar com a mesma liberdade que os outros fenómenos naturais tende a demonstrar que ela perdeu aquele ascendente que a subtraía ao pensamento profano.

Quer isto dizer que o pensamento religioso chegou ao termo da sua carreira? E' contrario a toda verosimilhança que as cousas que no passado suscitaram as religiões cessem de repente de actuar. Quanto a saber quais serão as formas religiosas do futuro, é profecia que o estado dos nossos conhecimentos não nos permite bem fazer. O mais que se pode presumir é que hão de ser ainda mais penetradas de racionalidade do que mesmo as mais racionais religiões de hoje, e que o sentimento social que foi alma das religiões, nelas se afirmará mais directamente e mais expressamente do que antes, sem se valer de mitos e de simbolos.

EMILIO DURKHEIM.

Publicações

Almanaque «Tierra y Libertad»

Acabamos de receber este excelente almanaque para 1915—3.° ano da sua publicação. Como os dos anos anteriores, o presente almanaque é um belo trabalho, quer literaria, quer materialmente. As suas 200 páginas conteem boas produções sociológicas, filosóficas, scientificas e artisticas.

Foi organisado pelo saudoso camarada Anselmo Lourenço, o que basta para atestar o seu grande valor. Uma das suas paginas é consagrada ao seu coordenador, inserindo o seu retrato, acompanhado de palavras cheias de justiça.

O almanaque da «Tierra y Libertad» encontra-se á venda, ao módico preço de 20 centavos, na Bibliotéca «A Vida», rua Formosa, 242 2.°.

«A Vida»

Já se encontra á venda na redacção deste jornal o n°. 2 desta revista mensal brazileira.

O presente numero traz boa colaboração de José Oiticica, João Penteado, Pinto Quartim, Polidoro Santos, etc,

Cada exemplar custa apenas 4 centavos.

«Pequenas coplas»

Com esta denominação, o Grupo Teatral Cultura Social, de Pelotas Brazil, editou um pequeno folheto em verso, de Saint Barb, para ser cantado por crianças.

Este folheto encontra-se á venda na redação da *Aurora* ao preço de 2 centavos cada exemplar.

União Anarquista Comunista da Região do Sul

Pede-se a todos os grupos do exterior para se corresponderem com esta União; com todos permutaremos correspondencia, que pode ser feita em espanhol, francez e esperanto.

Egualmente apelamos para a imprensa libertaria, afim de remeter para a nossa sede um exemplar de seus jornais ou folhetos para enriquecer a biblioteca que estamos organisando.—*O Comité.*

O esquecimento de principios

No n.° 4 do *Germinal*, Emilio Costa insiste em negar que tenha havido, por parte dos revolucionários intervencionistas, abandono de ideas ou interesses por êles representados. Já respondemos a isto no nosso número passado.

Do primeiro artigo de Malatesta uma boa parte tratava precisamente de mostrar, de *recordar* aos anarquistas que a guerra é a suprema expressão da colaboração de classes, que nenhum Estado representa os oprimidos, que a luta entre Estados não está travada no terreno revolucionário.

Mas decididamente, o camarada E. Costa acha que não é abandono de princípios, para um antiestatista, internacionalista e antimilitarista, colocar-se ao lado dum Estado numa guerra contra outro? Ainda que só do acto voluntário se tratasse, não tem o acto, o exemplo, tanta importância? Não é êle o que melhor se vê? Os deputados socialistas protestam que não abandonam os princípios; e alguns apresentam-se até como partidários da acção directa, candidatos de protesto ou mesmo deputados anti-parlamentares ..

Mas fala-se também na revisão de ideas. Glorifica-se também a guerra como «guerra de libertação»—e não é isso doirar os motivos que movem o Estado,dar a êste uma idea nova e revigoradora, refazer uma virgindade ao militarismo, considerado como «instrumento» anti-imperialista?

O nosso amigo cita Malato e transcreve parte duma resposta dele a Malatesta. Precisamente: que diz Emílio Costa á atitude de Malato incitando a Itália monárquica a entrar no conflito, lançando aos revolucionários italianos o apêlo patriótico de *fuori i barbari*?

Emílio Costa parece dar a entender que Malato levou longe de mais a atitude intervencionista. Se assim é, não sabemos porque não o acompanha: questão de grau...

Incoerências e abandonos apenas de momento, assim o esperamos, evitando falar em «ex-anarquistas»; mas isso não impede que tais abandonos sejam nocivos, desorientadores e semeadores de confusão e proporcionem boas armas aos adversários que combatem as nossas ideas, aos dominadores que querem suscitar o entusiasmo público pela sua causa e restaurar as suas instituições na confiança popular.

Emílio Costa parece não levar muito longe a sua atitude... como dizer? intervencionista? guerrista? o quê?—e o facto de achar justa a argumentação de Malatesta no artigo *A propósito dum desejo* (*Aurora*, 10 de janeiro), limitando-se a negar o facto que lhe serve de ponto de partida, leva-nos a esperar que o nosso amigo entre fácilmente em si... Se isto é pretensão, Emílio Costa nos desculpará — lançando-a em conta da nossa cegueira sectária e do nosso absolutismo.

Folhetim de «A AURORA»

AFONSO KARR

Historia do mundo em 100 linhas

Apraz-me,como diziam os latinos, escrever aqui em poucas linhas tôda a história da sociedade e civilisação humanas no passado e, bem o receio, no futuro.

Aí pelos começos do mundo, num país que corresponde á Groenlândia—45 graus centígrados de frio—cresceram para ali algumas familias de esquimaus, como germinam e florescem nas fendas dos rochedos sementes de goivos levadas pelo vento; essas poucas famílias formam uma coisa assim como uma nação. A respeito de civilização, andam nus; a respeito de sciências contam até dez pelos dedos das mãos; a respeito de religião, sacrificam vítimas, humanas a um grande sapo que êles adoram e cujos pontífices são muito poderosos.

Alimentam-se com as focas que o mar lança mortas à praia. Comem um pouco de erva, alguns musgos, alguns líquenes. Só os ricos é que teem rangíferos, de cujas fêmeas bebem o leite. Acrescentai a isto um pouco de carne humana após os holocaustos ao sapo.

Levanta-se um poeta, um crente, que diz:

«E se nós adoptássemos por deus, em vez dêsse feio sapo, um grande rangífero azul, que nunca vimos, mas que é um animal manso e útil?

Se nós deixássemos de imolar vitimas humanas?»

«Se deixássemos de as comer?

«Se contássemos até vinte servindo-nos também dos dedos dos pés?

«Se abrí semos buracos onde pudéssemos dormir?»

Os chefes da nação, os pontífices do sapo grande vociferam contra o innovador, o anarquista, o ideólogo. Com aplauso da nação inteira, sacrificam-no ao sapo grande e comem-no.

Entretanto, os filhos daqueles que o sacrificaram e comeram, os que foram porventura concebidos na embriaguez do repasto feito com o seu corpo, êsses adoptaram os buracos para habitação, contam até vinte, adoram o grande rangífero azul de que são pontífices e já lhe não sacrificam vítimas humanas. O último poeta comido era magro, coriáceo: não se torna a comer disso.

Levanta-se então outro poeta.

«A nossa língua, diz êle, compõe-se de cinco grunhidos, o que não permite a expressão de tôdas as ideas. Proponho que lhes juntemos mais outros cinco.

«O rangífero azul não é muito mau, mas é um bocado estúpido, e depois não existe.

«E se nós adorássemos o Sol, que faz nascer o musgo e o líquen?

«E se nos cobrissemos com peles de animais?

«E se nós apanhássemos as focas vivas com lanças e arpéus, em vez de comer os cadáveres de foca que o mar nos traz?

«E se todos tivéssemos rangíferos?»

E' por unanimidade condenado a ser enterrado vivo.

Enterrado êle há algum tempo, os filhos dos que o enterraram proclamam o culto do Sol, fazendo-se pontífices dele. Daqui em diante, vestir-se hão com peles de animais, sendo as mais belas guardadas para os padres do Sol. Enriquece-se a língua com cinco novos grunhidos; a nação mata as focas que ela surpreende na praia, por meio de lanças e arpões.

Passado algum tempo, vem um novo poeta; subiu à colina, torna a descer e diz:

«Trago uma boa notícia. Na outra vertente da colina, há uma região encantada; o maior frio que lá poderá fazer é de vinte e cinco graus; há árvores com frutos, aves e animais mais variados; transponhamos a colina e vamos para aquele encantador país.»

A tal ponto sobe a indignação pública contra êste insensato, que o fazem em pedaços; só bastantes anos depois é que, sob a chefia dos filhos dos que o despedaçaram, a nação transpõe o outeiro e estabelece-se num vale relativamente feliz. Os chefes são proclamados bem-feitores da humanidade.

Este vale menos frio e mais fértil é úmido e chuvoso. Um dêsses mesmos homens que teem a mania dos lugares altos e dos cumes, de volta do cimo de elevada montanha, diz:

«Do outro lado desta montanha, está o mar. Estamos numa ilha; mas, do outro lado do mar, há uma terra, um continente afortunado. Crescem ali palmeiras carregadas de frutos deliciosos. O Sol acaricia com seus olhares fecundos aquela terra favorita, onde o ar é suave e perfumado. E' raro lá chover, e demais a terra arenosa e sedenta bebe a água do céu com avidez, sem fazer lama. Construamos canoas e vamos para lá.»

E' impossível de descrever o furor dos negociantes de tamancos, ante a lembrança de ir para uma terra onde não há lama. E' um trabalhão para lhes arrancar das mãos o autor desta proposta anàrquica. Dizer que a terra onde vivem está cercada de água, que loucura! que ha outro país ao sul, que devaneio! que se deve abandonar uma terra onde se vendem tantos tamancos e onde se vendem tam caros, que crime! que é preciso construir canoas, utopia, loucura e crime! Levanta-se uma fogueira e queima-se aquele doido furioso.

Três anos depois, é a nação instalada no continente americano. Os negociantes de tamancos são nomeados reis por lá terem conduzido a nação; acham ali outros povos e fazem-lhes guerra para os conquistar. São trucidados metade dos esquimaus; mas como aos americanos foram chacinados metade mais um, os esquimaus regozijam-se, glorificam-se e adoram os tamanqueiros que tal glória lhes proporcionaram.

Surge e levanta-se então um novo poeta, um profeta, que diz:

«Amemo-nos uns aos outros.

«A conquista é uma coisa horrível e estúpida.

«O Sol não é Deus; é apenas o olhar de Deus.

«Bem andariam as mulheres, se não untassem os cabelos com óleo de peixe rancido e infecto.»

E' condenado ás galés.

Mais perto de nós, manifesta um homem amor inflexível á verdade e á justiça, acompanhado de sincero ódio ao absurdo e ao injusto, e aqueles cujo património são o absurdo e o injusto, de acôrdo com os que escolheram a profissão de os atacar, como poderiam escolher a de funileiros; aqueles que teem grande empenho no triunfo das suas arengas de defesa, mas nenhum no triunfo da causa que defendem; que atacam os abusos, não para os destruir, mas para os conquistar: essas duas classes juntas fingem não saber que tal homem existe. Seporêm, descobrem um dia que alguns transeúntes pararam e escutam, lançam mão dum último recurso.

—Não é verdade, dizem êles aos transeúntes, que êste homem tem muito espírito, e que o que êle diz tem pilhas de graça e é impingido agradàvelmente? E' impossivel fazer paradoxos mais encantadores. Estes espiritos leves teem realmente granda encanto.»

Põem-lhe depois uma alcunha que, para o público, parece ser um cumprimento e que na realidade é uma alcunha atenuante, destinada a reduzir tudo o que disser êste homem ás proporções duma facécia, dum trocadilho. Chamar-lhe-hão o espirituoso autor de... ou de... Desde então, está o negocio meio feito.

Depois, de tempos a tempos, quando se torna inevitável uma das reformas pelas quais êle combateu, abandonam a casa prestes a ruir e juntam-se aos demolidores; relêem as notas que tomaram sôbre o que êle dizia; limpam as ideas dele de quanto ardor e originalidade nelas pode haver; fazem disso em seguida uma coisa pesada, fria, enfadonha. Não há maneira de poder a gente chamar-lhes espirituosos autores de... ou de...; são êles mesmos que se declaram, sem contestação e sem obstáculos, homens sérios; entram fàcilmente na politica, nas academias, etc.; e como o batedor, o pioneiro, se pôs de novo em marcha para atacar outros abusos, vão tomando notas e dizendo: «Na verdade, faz morrer a gente a rir, palavra de honra! Não há ninguem que tenha mais espírito do que o espirituoso autor de....ou de...»

Mais perto de nós ainda...Seria, porêm, perto demais. Por agora, já basta.